

BELO HORIZONTE: A CIDADE DE PAPEL

Luciana Marino do Nascimento

RESUMO:

Colocando-se em contraposição os discursos literário e histórico, este trabalho intentou refletir sobre os princípios de ordenamento da cidade e da sociedade, nos fins do século XIX, a partir de uma leitura do romance A Capital, de Avelino Fôscolo.

PALAVRAS-CHAVE: *literatura; cidade; modernidade.*

O século XIX é marcado pelo signo da modernidade, gestada desde o século anterior. É a partir deste século, que ocorre uma intensificação nunca vista no processo de industrialização e uma enorme explosão urbana na Europa. A cidade se destaca como palco de lutas e como fonte de idéias, de inovação, de paixão, de violência, de fascinação e medo. Todas essas sensações puderam ser apreendidas pelos seus habitantes fossem ele poetas, escritores, políticos ou cidadãos comuns. A cidade emerge como tema literário. O espaço urbano passa a ser recorrentemente captado e reinventado pelo discurso literário e pelas artes, de um modo geral.

Segundo Benjamin (1985: 38-39), foi com Baudelaire que, pela primeira vez, Paris se converteu em tema lírico. Através de um olhar de estranhamento, a cidade passa a ser vista como cruzamento de linhas, como um labirinto. O poeta vê a Paris que se transforma sob o impacto da metropolização:

Cidade a fervilhar, cheia de sonhos, onde
o espectro, em pleno dia, agarra-se ao passante!
Flui o mistério em cada esquina, cada fronde,
Cada estreito canal do colosso passante. (Baudelaire, 1995: 175)

Sabe-se que a cidade marcou o cenário da modernidade ao exibir seu progresso, seu centro administrativo, mas também suas "dobras", suas margens, seu

* Mestre em Teoria da Literatura, 1998.

lixo, ou seja, a face mais perversa, advinda das contradições do complexo desenvolvimento econômico-industrial.

Fruto dos avanços da técnica e da ciência, algumas cidades foram concebidas como sonho de ordem transposto para o papel a compasso e esquadro, resultando numa planificação urbana. A cidade planejada é produto de um sonho que, ao ser transposto para a realidade, impõe um percurso e uma concepção de espaços homogêneos e setorizados. Segundo Angel Rama (1985: 32), "esse sonho de ordem servia para perpetuar o poder e conservar a estrutura sócio-econômica que o poder garantia".

Belo Horizonte é uma cidade assim concebida, já que a sua construção almejou colocar cada coisa em seu lugar. Conforme as palavras de Pedro Nava (apud. Salgueiro, 1987: 122) , a organização do espaço urbano se dava da seguinte forma: "era sem mistura cada um no seu lugar. Lê com lê, cré com cré (...) Os do pardieiro A, diferenciando-se dos do palacete F, de inumeráveis janelas".

A cidade de Belo Horizonte, construída segundo os padrões europeus de urbanismo, foi inaugurada no final do século XIX como uma cidade clara, com ruas retas, traçado linear, permeada por um desejo de uma legibilidade total, o que garantia ao poder um olhar vigilante e disciplinador (Foucault, 1997: 177). A cidade transformou-se, assim, num foco de civilização, onde se vislumbrava um novo horizonte de "ordem e progresso". A palavra "progresso" estava na ordem do dia para os construtores da nova Capital de Minas Gerais. Como bem registra Nicolau Sevckenko (1985: 29), "acompanhar o progresso significava somente uma coisa: alinhar-se com os padrões e o ritmo de desdobramento da economia européia".

Nesse contexto de modernização vivido no Brasil em fins do século XIX e início do século XX, podemos observar uma nova visão do espaço urbano através da literatura de muitos escritores brasileiros, sintonizados com as idéias vindas da Europa e com os processos de modernização implantados no Brasil. Para alguns, no entanto, tal sintonia era sinônimo de contradições profundas como foi o caso de Antonio Avelino Fóscolo, um escritor mineiro, pouco conhecido do público leitor de um modo geral, mas muito importante para o estudo da literatura sobre a cidade de Belo Horizonte, pois, foi o primeiro autor a ficcionalizar sua construção. Publicado em 1903, o romance seu *A Capital* narra a trajetória dos habitantes do antigo Arraial

de Curral Del Rei, que têm suas vidas modificadas pela construção da nova capital de Minas Gerais. A trama gira em torno de um casal residente no antigo arraial, cujas vidas são invadidas pela construção da cidade. O marido, o Cunha, pacato e conservador assiste a derrocada de seu antigo mundo e sua perda de poder: "O Cunha era um solitário, levando tudo a esquadro, conservador, rotineiro (...) Vendo no bojo do progresso a destruição do passado" (1979: 83). Já a mulher, Lená é a personagem entusiasta do progresso e da modernidade: "Ela amava o progresso, o movimento, a vida, almejando uma capital ideal para o cérebro de Minas (...). Erguendo-se soberana da modesta aldeia" (1979: 85).

Sob a égide do signo progresso/ciência, a cidade de Belo Horizonte foi celebrada como o espetáculo da ciência e vitória do moderno, mas o escritor Avelino Fóscolo, esquadrinha o tecido esgarçado da cidade moderna em construção, mostrando uma cidade pelo avesso, ou seja, uma outra cidade, uma cidade menor, a cidade das dobras:

Numa das avenidas erguia-se um edifício novo, de cimento e ferro, à prova de fogo e à prova d'água, como repetiam enfaticamente. Aldeias de cafuas desenrolavam-se às margens do Leitão, começando em cima e estendendo-se até a barra; do outro lado, no Ribeirão dos Arrudas, dominando a estação, surgia uma pequena cidade de choupanas, semelhando habitações de térmitas vermelhos e aglomerados confusamente, onde reinava à noite um bruaá medonho. Os trens silvavam no ramal e nas linhas urbanas, um ruído entontecedor, incessante, desde a manhã até a noite (1979: 97).

Podemos observar, de um lado, a imagem da modernidade caracterizada pelo edifício monumental "à prova de fogo" cujo papel emblemático correspondia à história forjada pelas elites, ou seja, à "invenção das tradições" a pontuar o desenho urbano. E, de outro lado, nas dobras da cidade, aparece uma *urbs* noturna, perigosa, a cidade dos excluídos e das "choupanas". É a cidade que estava fora do mapa e esquecida pelo projeto de modernização da Comissão Construtora de Belo Horizonte. Ambas, como denuncia Fóscolo, vivem como faces de uma mesma moeda. Em tal cenário, encontramos também o trem, aparato do processo de modernização, com seu movimento e sua velocidade. Ele fora celebrado como o "espetáculo do maquinismo na transição à modernidade", como assinala Francisco Foot Hardman.

Modernizar, segundo Marshall Berman (1988: 17) significou incorporar o modo capitalista de viver e organizar o trabalho e a produção. E a urbanização dos

séculos XIX e XX engendrou essa organização capitalista. De acordo com Sennet (1988: 163), a urbanização do século XIX "consistia em algo mais que a difusão de hábitos urbanos, significava uma difusão mais geral de forças modernas, antitradicionais" Desse modo, a modernização do espaço criado para a nova capital produziu um apagamento da cultura popular do antigo Arraial de Belo Horizonte, como nos mostra Fóscolo (1979: 103):

Na ambição do ganho-poderoso, vírus contaminando tudo. Reis, como o Natal, passariam despercebidos sem as antigas folias, as cantilenas populares, os presepes, as vigílias - recordações coloniais tão fortemente implantadas na população primitiva de Belo Horizonte.

O apagamento da memória e da identidade locais se deu pela negação da cultura popular em nome do moderno. É a substituição dos costumes coloniais pelos costumes urbanos, já que a cidade foi concebida nos moldes racionais, legitimada por um discurso republicano que pretendia exterminar, de vez, as tradições coloniais. Era a nova ordem social imposta pelo moderno, o que constituiu uma "modernidade agressiva".

A reconstrução da antiga cidade - agora subterrânea - através da memória é muito bem recuperada no romance, na fala do personagem Cunha:

O Cunha solitário, naquela pasmaceira de comércio morto ao nascer. Sentou-se, então, num recanto, fitando a cidade pela janela completamente aberta (...). Cerrou as pálpebras e a seus ouvidos vinha distintamente o rumor da capital, rugindo embaixo com sua vozeria de locomotivas... Queria arrancar-se dali em pensamento ao menos, evocar o passado, o velho curral, silencioso, solitário, como os ternos balidos de rezes nostálgicos e o uivo tristonho dos cães ladrando à lua. De reminiscência em reminiscência, ia reconstruindo a sua capital. (Fóscolo, 1979: 120)

Evocando o antigo Arraial, o personagem traz para o presente imagens de um passado. Lembrar, segundo Wander Melo Miranda (1992: 120), "é descobrir, desconstruir, desterritorializar - atividade produtiva que tece com as imagens do presente a experiência do passado". Essa viagem, a partir de estilhaços da memória, vai criar uma outra cidade, aquela sonhada pelo personagem:

A Capital modesta de seus sonhos, vindo lentamente sem a voragem do progresso, sem a onda estranha daquele mercantilismo louco, aniquilando completamente o antigo comércio. (...) Única relíquia que lhe restava, doce evocação do Velho Arraial. (Fóscolo, 1979: 147)

O apagamento da cultura é, portanto, uma marca da pólis perversa gerada pela modernidade, associada à fragmentação e à ruína da sociabilidade e do sujeito urbano. Segundo Carl Schorske, "a cidade moderna destruía a validade de todo credo herdado e integrador. (...) A apreciação estética, sensual da vida moderna se converte, neste sentido numa compensação pela ausência de ancoragem e de laços sociais e de crenças" (Gomes, 1992: v. 1, p. 445).

A cidade moderna converte-se em palco para encenação do progresso, provocando a perda de elos comuns que antes uniam as pessoas a uma tradição cultural. De acordo com Sennet (1988: 147), a cidade moderna é um "grande teatro, seu tema é principalmente a busca pelas reputações. Todos os homens da cidade se tornam artistas de um tipo particular...".

O sentimento de estranhamento, de vazio e de tédio vivido pelo personagem do romance *A Capital*, é revelado pela artificialidade da cidade construída dentro de um traçado que impõe percursos, ordenando, não só as ruas e a sociedade, mas também o convívio. Esse sentimento é caracterizado por um desenraizamento, o que nos revela que a cidade não é feita somente de um projeto ou de um traçado de ruas, mas de um emaranhado de existências.

A cidade é formada por imagens que cada habitante faz dela. Segundo Roland Barthes (1987: 184), "a cidade é um discurso, verdadeiramente uma linguagem: fala aos seus habitantes, falamos a nossa cidade, onde nos encontramos simplesmente quando a habitamos, a percorremos, a olhamos".

Lida sob o viés da fantasia romântica da personagem Lená, a cidade assume diferentes representações em sua visão, como: contos de fadas, fantasia e odalisca. Sendo esta última, a figura de formas harmônicas e simétricas, associada ao belo, ao mistério e à sedução, que pode ser lida também como a imagem da sedução urbana. A leitura, portanto, é uma construção do sujeito que lê, quando seleciona e combina os signos do discurso urbano, produzindo a sua própria dicção. Através de suas miragens, Lená cria a sua cidade pessoal ou seja, uma cidade feita "como os sonhos são feito de desejos e medos, mesmo que o fio de seu discurso seja secreto, suas regras absurdas, suas perspectivas enganosas, e toda coisa nela esconda outra", como observa Italo Calvino (1990: 44). E como um cidade de sonhos, a Capital

preenche, na personagem Lená, um desejo de realização, ou seja, a *urbes* preenche um vazio em sua existência.

Como leitora da cidade e também de romances, Lená preenche a existência através de suas esperanças para com a cidade, de seu amor nutrido pelo cunhado Sérgio e por suas leituras. Tal qual as personagens Emma Bovary, de Flaubert, ou Luísa, de Eça de Queirós, ela está em busca de algo que vá além do pequeno mundo em que vive.

Lená, personagem "de papel", também construída com leituras e sonhos, pode ser incluída na galeria de personagens femininas inaugurada por Flaubert no século XIX, e cuja seqüenciação é tão marcante na literatura moderna: Emma Bovary e Luísa, já referidas, mas também Capitu e outras heroínas machadianas.

É ainda através da referência ao universo dos livros que se criam, por exemplo, as personagens femininas do século XIX, heroínas inauguradoras da modernidade, infladas pela leitura de romances e por elas insufladas no desejo de romper os limites impostos por uma sociedade estratificada. (Cury e Walty, 1996: 18)

Os romances, portanto, forneciam-lhe consolo à alma e mantinham a sua consciência livre de remorsos pela paixão ilícita. Mas nem sempre a leitura era a válvula de escape eficiente para a evasão do real:

Ia então, fera enjaulada, aos quatro cantos do salão, lassa de leitura, não conseguindo librar completamente a alma à etérea região do sonho. Parava, por vezes, o olhar fito embaixo, na bruma, sem ver, com uma sensação desconhecida - misto de saudade, de pesar e ódio. (Fóscolo, 1979: 165)

A mediação elaborada pelo literário metalingüisticamente antecipa o final "trágico" da personagem. Embora não morra como as heroínas de Flaubert e Eça, Lená retorna para o espaço rural, odiado por ela. Os romances dão-lhe os parâmetros, embora a força do "real" seja, muitas vezes, mais potente:

Ela cria-se de mais a mais descoberta naquele afeto criminoso... paixão que só lhe dera amargura e uns laivos de prazer coriscando rápido e logo finando-se. Amedrontara-se, humilhando-se mesmo, trocando a posição habitual, sentindo-se ré em face daquele juiz que a sociedade lhe impusera. Honesta sem a prática do crime que gosta rapidamente o pudor, tendo levado a existência a tecer sonhos nas horas de ócio em que a imaginação não confabulava com os romances, sendo aquele o seu primeiro amor ilícito,

aterrorizando-se à idéia de perdê-lo, desonrando-se sem conhecer bem a fundo o supremo gozo. (Fóscolo, 1979: 182)

Amor e cidade mesclam-se no mesmo sonho, que jamais se realiza, e todo o anseio de Lená por uma capital moderna é, ao final do romance de Fóscolo, sepultado na "necrópole", com o desterro da personagem, final emblemático das "ilusões da modernidade":

Lená fitava tudo isto com um pesar que não era saudade. Fitou a necrópole (...). E, pela última vez, do cimo da serra, descambando para o eterno desterro, abraçou com o olhar a cidade amada, a terra que a sua fantasia criara tão bela (...).

Esteve alguns instantes parada, contemplando a visão diletta e depois, numa explosão em que se transfundia toda a mágoa de sua alma, deixou extravasar as lágrimas pelo sonho para sempre perdido! (Fóscolo, 1979: 285)

O autor, em seu romance, constrói uma outra cidade. Não uma *urbs* feita de signos, fixados pelo poder, mas uma "cidade de papel", de dobras, de avessos e de frustrações. A presença da necrópole, onde são sepultadas as crenças da vida moderna da personagem, transforma a cidade num espaço de morte. Assim, circunscrita sob imagens fúnebres, a cidade "construída" pelo autor é elemento aprisionante do sujeito urbano no romance.

Como se evidencia, neste e em muitos outros romances do período, a cidade se transforma em espaço propiciador de um novo tema literário: ela mesma torna-se uma vitrine que se exhibe, seduzindo quem a atravessa.

Reler Belo Horizonte através da recuperação do olhar de um de seus primeiros escritores torna-se importante. Isto na medida em que se recupera um autor portador de uma escrita singular, que não só capta o espaço urbano emergente, mas também nos revela as dissonâncias do seu processo de construção. Em sua escrita, ele destece a cidade tecida pelo discurso republicano de modernização. Assim, podemos considerar Belo Horizonte como a "cidade de papel" através de dois recortes principais: ela é efetivamente de papel porque foi planejada, criada na prancheta com a obrigação de ser moderna, e também "de papel" enquanto ficção saída da pena de Fóscolo.

ABSTRACT:

By counterposing the literary and historic discourses, this paper has attempted to reflect about the principles of ordering of the city and the society at the end of the 19th century from a reading of the novel A Capital, by Avelino Fóscolo.

KEY WORDS: *literature, city, modernity.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barthes, Roland. *A aventura semiológica*. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1987.
- Baudelaire, Charles. *Poesia e prosa*. Obra completa. Org. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- Benjamin, Walter. *Sociologia*. Org. Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985. Col. Grandes cientistas sociais.
- Berman, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- Bíblia Sagrada. Edição da Palavra Viva. São Paulo: Stampley Publicações, 1974.
- Bosi, Ecléa. *Memória e sociedade*. Lembrança dos velhos. São Paulo: T. A. Queiroz/USP, 1987.
- Calvino, Italo. *As cidades invisíveis*. 8^a reimp. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- Fóscolo, Avelino. *A capital*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979. Col. Mineiriana.
- Foucault, Michel. *Vigiar e punir. Nascimento da prisão*. 15. ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Gomes, Renato Cordeiro. *Escrever a cidade: o labirinto de ecos*. In: Anais do 2^o Congresso da ABRALIC. Belo Horizonte: ABRALIC/UFMG, 8 a 10/8/1990. v. 1, p. 440-448, 1992.
- Hardman, Francisco Foot. *Trem fantasma. A modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

- Loyer, François. *Le siècle de l'industrie, 1789-1914*. Paris: Skira, 1983.
- Lynch, Kevin. *A imagem da cidade*. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1982.
- Malard, Letícia. *Hoje tem espetáculo; Avelino Fóscolo e seu romance*. Belo Horizonte: PROED/UFMG, 1987.
- Miranda, Wander Melo. *Corpos escritos*. São Paulo: Ed. da USP; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.
- Nascimento, Luciana Marino do. "A cidade de papel; um estudo de *A capital*, de Avelino Fóscolo". Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. (Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura), 1998, 184p.
- Rama, Angel. *Cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Salgueiro, Heliana Angotti. "O ecletismo em Belo Horizonte - 1894-1930". In: Fabris, Anna Teresa (Org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel, 1987.
- Schorske, Carl. *Viena fin-de-siècle; política e cultura*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Sennet, Richard. *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. Trad. Lygia A. Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- Sevcenko, Nicolau. *Literatura como missão; Criação e tensões sociais na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- Walby, Ivete e Cury, Maria Zilda Ferreira. "Livro, objeto de desejo". In: *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão, 1996. p. 15-25.